ANO 7.º — Sexta-feira, 20 de Novembro de 1914 — NUMERO 345

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS
Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Reunião do Congresso

Na proxima segunda-feira, conforme o respectivo decreto publicado na folha oficial, deverá reunir-se extraordinariamente o Congresso da Republica já anteriormente tantas vezes anunciado, sendo cérto que por mais dez dias talvez valesse a pena esperar pela data da sua abertura ordinaria, consignada na Constituição.

Percorrendo a vária imprensa inspirada pelos dirigentes de diversos partidos, chegamos a não poder indicar com segurança a verdadeira causa de tanta pressa. Todavia esclarecer-se-ha tudo néssa reunião incluindo a nossa futura e definitiva atitude no conflito europeu, no qual ha na imprensa de diferentes matizes a manifesta e decidida vontade de que nele tomemos parte, com ou sem solicitação da Inglaterra, que até agora, segundo se deduz de várias referencias, nada nos pediu, a não ser, como dizem os proprios jornaes londrinos, todos os cuidados e esforços para as nossas colonias africanas, onde a esta hora já tivéram logar gràves incidentes que por cérto e infelizmente precederão colisões e conflitos de maior vulto e transcendente resultado.

Mas não será certamente só essa duvida a esclarecer.

A surda hostilidade que ha muito incide sobre o atual ministério e especialmente sobre determinados ministros, não deixará de vir á supuração e de tal fórma que se imponha a saída dos que tivérem caído no desagrado de quantos não concordam com a sua orientação... ministerial.

A manifesta tolerancia, a proposito da ultima tentativa de restauração monarquica, havida com os relapsos conspiradores, que, apesar de ameaçados com julgamentos sumarios, ainda hoje, passados 30 dias, se continua em demasiadamente escrupulosas averiguações, calou fundo no coração dos verdadeiros republicanos, criando uma atmosféra de desanimo e de protésto que tambem deverá influir e manifestar-se intensamente na reunião do Congresso.

A atitude do presidente do govêrno, tão cordeal para o patriarca de Lisboa, pela ocasião do seu regresso do conclave de Roma, apezar dele ter ordenado a suspensão de todos os padres pensionistas da sua diocese, quanto autoritaria e feroz para alguns representantes da imprensa genuinamente republicana, de mistura com gràves ofensas ás disposições da lei de Separação, evidenciadas nas várias petições da talassaria reaccionaria, deverá ter preponderante influencia no seio da representação nacional, que se apresenta algo emaranhada e duvidosa para que possamos ajuizar ao menos aproximadamente dos resultados que possam advir.

O que após bem simples exame logo salta á vista é que a dentro da situação publica ha uma manifesta desorientação, um mal estar pronunciado, uma perturbadora confusão, a que, por todas as razões, se deverá pôr termo, porque de tal estado só pódem surgir consequencias funestas para o regimen.

Não somos partidarios de situações irredutiveis—e aqui por mais duma vez as temos combatido servindo de fiadôra a estas palavras a nossa propria conduta no atual momento. Mas como republicanos e patriotas, o que desejamos são situações claras e definidas.

Obtido o voto de confiança do Congresso, em 7 de agosto, o govêrno, sem tergiversações nem enleios, tinha naturalmente o caminho indicado para a sua marcha por onde os altos interesses nacionaes e prestigio das instituições exigia.

Era esse um dever de consciencia de homens republicanos ponderando criteriosamente a gravidade indiscutivel da hora do perigo e dificil que atravessâmos.

Fez o govêrno isso?

Di-lo-ha o Congresso pela boca dos seus representantes daqui a bem pouco tempo.

Que o regimen e a Patria dignificados sejam em tal reunião; que dela venha mais um exemplo e prova da mais completa unidade nacional, são os nossos ardentes votos e de todos aqueles que, como nós, sacrificam tudo á causa que o 5 de Outubro glorificou.

Films...

Chapa batida

O *Camaleão* viu agora, depois da saída do sr. Augusto Gil do governo civil do distrito, que sua ex.ª *tinha arredado daquela casa tropeços que a deslustravam*, sendo esse, como ainda afirma, *o seu primeiro acto de saneamento.*

Ora vejam. E nem assim o poeta do *Luar de Janeiro* se conservou, tendo de mais o *aplauso da opinião imparcial e justa*, sem falar no do orgão dos *pardos* da Vera-Cruz!

Já é infelicidade... nossa...

Manias

Porque no dia 15 do corrente passasse o 25.º aniversario do fugitivo da Ericeira, *Senhor D. Manuel II*, como pomposamente lhe chama a *Soberania do Povo*, este papel de Agueda cumprimenta *El-Rei muito respeitosamente*, afectando assim um monarquismo que já provou não possuir.

Mas que lhe havemos nós de fazer?

Engana-se

O *Democrata* não se persuadiu nem persuade que foi a *bota* de Oliveirinha que fez caír o sr. dr. Gil, como quer o *Progresso*. No entretanto, se lhe dérem licença, êle regista a resposta que êssa autoridade enviou de Lisboa *a alguem* sobre a destituição do regedor e que era pouco mais ou menos assim concebida: *Sinto não lhe poder ser agradavel nésta ocasião, mas tenho a minha palavra comprometida e heide cumpri-la.*

Como a cumpriu o sr. Augusto Gil, viu-se. Deixando ficar no seu logar o regedor, que era, afinal, aquilo porque nós aqui instantemente pugnámos.

E com isso nos satisfazemos.

Que admira?

Numa correspondencia de Vizeu, insérta no nosso colléga *O Mundo*, de 17 do corrente, deparamos com o seguinte, que reproduzimos textualmente, a proposito do julgamento dos implicados no *complot* monarquico que produziu o movimento realista de 21 de Outubro do ano findo:

. . . .

«O defensor, dr. Marques Loureiro, fartou-se de deturpar a verdade, sustentando que os presos disséram apenas o que aos instructores dos procéssos apetecia, por meio de coacção e violencias fisicas ordenadas pelos mesmos instructores e executadas pela policia. Fez, em pleno tribunal, a apologia da bandeira azul e branca, etc.

. . . .

Foi sempre o forte da sua argumentação o sistêma a que o autor da correspondencia alude—deturpar a verdade.

Contudo muito desejávamos que ele lêsse umas passagens dum determinado jornal de Almeida, a vêr se haveria da parte do *doce... bacharel* a coragem de as desmentir...

Um conselho...

O serafico mentor do *Progresso*, que implicitamente concordou com o qualificativo que aqui lhe démos dum dos membros de *maior virilidade* no evolucionismo local, acode presuroso á chamada e descobre que temos para uso proprio e clandestino (clandestino é o dele...) um instrumento para indicação de vários gráus de virilidade, classificando-o, com aquela reconhecida aptidão e conhecimento que em tal genero lhe notamos, de *virilometro* !

Ora para poder dissertar com a consciencia obtida no uso e percepção das cousas, melhor seria pezar e receber o *virilometro* no sitio correspondente áquele onde os alveitares costumam termométricamente medir, nas bestas, o gráu de febre que as ataca...

E não lhe recebemos nada por este conselho.

Gloria! Gloria!

Um qualquer Diogo, que tambem é da Piedade, escrevendo algures a biografia do *Caréquinha*, sái-se com esta:

«Homens e nomes ha, que só por si valem uma epopeia.»

E logo abaixo:

«Já os meus pacientes leitores, vendo o simpatico e varonil busto que encima estas linhas, não devem ignorar a ingente admiração que professo, a veneração civica que com alacridade tributo a esse varão invulgar que enobrece a atual geração de portuguêses e que se denomina Homem Cristo Junior, intelectual eminentemente erudito e cordato, caracter altamente generoso e firme, profundamente religioso, galhardamente patriotico, denodado e devotadamente monarquico.

Tambem é ele e o *Bíchêsa... democratico*...

Só a este falta um Diogo, *respeitador da verdade,* que o biográfe e que, sendo da Piedade, se não esqueça mais uma vez que *homens e nomes ha, que só por si valem uma epopeia...*

15 de Novembro

Completou no domingo o 25.º aniversário da sua proclamação a Republica Brazileira, sendo investido nésse dia do seu mais elevado cargo—a presidencia—o dr. Wenceslau Brás, acto, que revestiu grande solenidade, assistindo não só todo o corpo diplomatico como os membros do parlamento e outras notabilidades fluminenses.

Organisado o novo ministério, que o país recebeu agradavelmente, tudo indica que será seguida uma verdadeira orientação democratica em todos os serviços publicos e especialmente na parte financeira, que se apresenta embaraçosa e dificil.

Como nos orgulhamos do 5 de Outubro bem sabemos quanto aos brazileiros é grata a gloriosa data da sua emancipação, e por isso enviamos ao povo irmão as nossas mais vivas e entusiasticas saudações.

GOVERNADOR CIVIL

Foi efectivamente nomeado governador civil deste distrito, o sr. dr. João Salêma, considerado agricultor, natural de Castélo de Paiva.

Sua Ex.ª veio ontem tomar posse, que o digno oficial do governo civil, sr. dr. Rocha Madail, lhe conferiu cêrca das 15 horas e meia, falando por essa ocasião os srs. drs. Melo Freitas e Marques da Costa, além da nova autoridade administrativa que prometeu fazer uma politica acentuadamente republicana e de defêsa do regimen sem descurar os interesses do distrito a que votará especial dedicação.

A' posse do sr. dr. João Salêma assistiu o elemento oficial, que dela teve conhecimento, e alguns conhecidos e amigos de s. ex.ª, que no fim assinaram o respectivo auto.

Sem espaço para mais, limitamo-nos, por hoje, a apresentar os nossos respeitos ao magistrado que ora vem tomar a chefia desta circunscrição, reservando para o proximo numero algumas considerações que o pequeno discurso do sr. dr. João Salêma nos sugére e precisamos de acentuar.

A conspiração de 1913

Porque tivéssem saído truncadas as paginas da interessante narrativa que, com autorisação do nosso colléga portuense, o *Norte*, vamos fazer do movimento monarquista de outubro do ano findo, em que tem um papel de destaque o conhecido advogado desta cidade, Jaime Duarte Silva, repetimos hoje essa primeira parte, como não podia deixar de ser, atendendo ao fim que temos em vista.

A historia cada vez é mais recortada de originalissimas peripécias, vendo-se néla documentos de alto valor e está destinada a produzir ainda maior sensação do que aquela que se observa, quando o *Norte* trouxer a publico o resto que ainda falta.

Deve constituir um volume de primeira ordem.

UMA PERGUNTA

João de Menezes, o velho republicano que todos nós conhecemos, escrevendo na *Lucta* um judicioso artigo em que confronta as tres crises que a Republica Francêsa atravessou com o que ultimamente se tem passado em Portugal, termina-o:

«Vivemos ha quatro anos em continuos sobresaltos. E porque? A obra da Republica tem sido, no seu conjunto, peor do que a da Monarquia? Ninguem o poderá afirmar com verdade, a não ser quem haja esquecido os crimes do velho regimen, confessados pelos seus proprios adeptos.

O grande mal da Republica é este—a revolução de cinco de Outubro derrubou o trôno mas não destruiu a monarquia. A velha maquina ficou, a bem dizer montada como no tempo do constitucionalismo. Mais cacique menos cacique, mais governador civil menos governador civil, a engrenagem é a mesma, o funcionamento o mesmo.

Não podiam suprimir-se, desde logo, vicios antigos, modificar temperamentos, corrigir defeituosos processos politicos e administrativos, de longa data inveterados na horda dirigente? E' cérto. Mas é forçoso reconhecer que se perdeu muito daquêle idealismo que tanto fortaleceu moralmente os republicanos nas horas de combate contra a Monarquia; é indispensavel confessar que o movimento de cinco de Outubro pouco além foi do acto insurreccional. A revolução republicana iniciou-se mas não continuou. A contra-revolução monarquica, já em preparação antes de proclamada a Republica, proseguiu. Daí o estado permanente de ameaça de guerra civil em que o paiz tem vivido,

Qual a maneira de resolver, definitivamente, esta perigosa crise politica?»

E' facil. Consiga o sr. dr. João de Menezes dos chefes dos partidos uma acção genuinamente republicana, consiga apagar no cérebro de cértos *conselheiros* o que êles teem de menos iluminante quanto á fórma de orientar ás multidões e vêremos como tudo muda e não ha motivo para sobresaltos, como tanto se deseja e é necessario que aconteça.

Dos republicanos depende absolutamente a consolidação do regimen. Apelemos para êles, mas para os dirigentes que são os unicos responsaveis pelos perigos que temos atravessado, pelo desvairamento em que temos vivido.

Já basta de tanta asneira!

JUNTA GERAL

E' ámanhã, como tivémos ensejo de dizer já, a reunião da Junta Geral do distrito que não poude ter logar no dia 1 por falta de numero.

Está marcada para as 13 horas.

ANGOLA

Por especial deferencia para com este jornal, o nosso querido amigo sr. Francisco Vieira da Costa, residente em Loanda, encarrega-se de receber, néssa cidade, todas as assinaturas do DEMOCRATA respeitantes á provincia.

Rogâmos, pois, aos nossos presados subscritores a finêsa de a êle se dirigirem visto como já se acha de posse dos recibos mediante os quaes deve ser efectuado o pagamento.

O tempo

Decorre á maravilha não se descontentando com ele os lavradores. E digam lá que o Outono, em Aveiro, não é uma das melhores quadras do ano...

Homenagem funebre

Declinava o dia quando na sexta-feira deu entrada na sua ultima jazida o cadaver do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, que, desde manhã, em que tinha chegado de Lisboa, se achava depositado na egreja da Misericordia.

Coberto com a bandeira do municipio e depois do responso entoado junto ao corpo, que uma rica urna de mogno encerrava, é este conduzido para a carrêta que o deve transportar ao cemiterio onde um cortejo de pessoas de todas as classes sociaes o acompanham, destacando-se os antigos correligionarios do extinto, representantes do municipio, as duas secções do Asilo-Escola, delegados de várias associações, uma deputação de pescadores, etc. etc. Inumeras pessoas assistem ainda á passagem do funeral atravez as ruas Direita, Miguel Bombarda e Corredoura, seguindo outras atraz do ataúde numa tocante manifestação de respeito e pezar em tudo digna do homem que desaparecia.

Foram organisados os seguintes turnos:

1.º

Dr. José da Gama Regalão, dr. Jaime de Magalhães Lima, Marques Gomes e dr. Joaquim Peixinho.

2.º

Agapito Rebocho, Silva Rocha, Francisco Regala e dr. Marques da Costa.

3.º

Capitão Wanzeler, Eduardo Vieira, Armando da Silva Pereira e dr. Melo Freitas.

4.º

Dr. Armando da Cunha Azevedo, Manuel Maria Amador, F. Vilhena e Bernardo Torres.

5.º

Domingos José dos Santos Leite, dr. Antonio Carlos Melo, dr. Lourenço Peixinho e Mariano Maria da Silva.

6.º

Dr. Alvaro de Moura, dr. Brito Guimarães, Antonio A. Duarte Silva e dr. José do Vale Guimarães.

7.º

José Gonçalves Gamelas, Florentino Vicente Ferreira, Francisco Pinto de Almeida, pelo *Recreio Artistico* e Manuel de Souza Lopos, pela banda José Estevam.

8.º

Firmino de Souza Huet, Inacio Marques da Cunha, Antonio de Castro e major David Rocha.

9.º

Antonio Pereira Junior, dr. Ferreira Gomes, Domingos Campos e Manuel Prat.

As corôas

Cobrindo o feretro viam-se as seguintes, algumas delas de enormes dimensões e subido valor:

Ao seu chorado marido—Maria José.

Com muita saudade—Clotilde e Francisco.

A' memoria de Gustavo Ferreira Pinto Basto, homenagem dos seus amigos e socios—Reis, Rebocho, Regala, Castro e Cardoso.

Saudade e gratidão—Ana Pimentel, Preciosa, Luiza, Beatriz, Micas, Manuel, Fernão e Manuel Pinheiro—Lisboa.

Saudade de seus filhos—Clementina e Antonio.

Com muita saudade—Dos seus netos Maria José, Maria Clotilde

Maria Clementina, Maria Augusta e Rui.

Eterna saudade das suas creadas—Mariana e Maria Figueira.

Ao seu cunhado—Antonio Emilio e Mariana.

Ao seu querido tio Gustavo—De seus sobrinhos Azevedos.

Ao grande benemerito e ilustre cidadão aveirense Gustavo Ferreira Pinto Basto, singela homenagem de muita gratidão do seu humilde amigo—Dionisio Coelho da Silva.

A Gustavo Ferreira Pinto Basto—Um grupo de socios do *Recreio Artistico* e um *bouquet* com esta dedicatoria:

Ao seu querido avô—Saudade do neto Duarte.

Os discursos

Chegados que fôram os restos mortaes do sr. Gustavo Pinto Basto defronte do jazigo que para sempre os hade guardar, o sr. dr. Brito Guimarães, presidente do Senado Aveirense, aproximando-se, diz:

Grâve falta sería a nossa se, neste doloroso momento em que todas as faltas se esquecem e todos os erros se perdoam, não deixassemos caír perante o cadaver de Gustavo Ferreira Pinto Basto, algumas palavras de justiça.

Espirito liberal, cidadão prestimoso, não sei se a sua obra administrativa teve defeitos, mas que os tivésse não era ocasião azada nem a mim me competia relembra-los.

Sob o seu aspecto duro e aspero eu sei que se escondia um coração sensivel e bom, e do seu patriotismo, do seu devotado amor a esta terra que tanto se esforçou por engrandecer, não faltam pela cidade provas incontestaveis.

Por isso, em nome da Câmara Municipal de Aveiro lhe presto o preito da nossa ultima homenagem e lhe digo o derradeiro adeus.

Que descance em paz.

A seguir usa tambem da palavra o sr. Conde de Agueda que, referindo-se ao que em vida fôra nésta terra um dos seus melhores auxiliares politicos, diz que Aveiro, sem distinção de classe, o acompanhou á ultima morada numa manifestação de justiça que era devida ao homem que tanto pugnou pelo seu engrandecimento.

Ele, orador, podia fazer um grande discurso em que traçasse o papel de Gustavo Ferreira Pinto Basto, mas as circunstancias de momento obrigam-no a ser bréve e em bréve destacar do perfil do ilustre morto os pontos capitaes.

O sr. Gustavo Ferreira Pinto oferecia um contraste particular: tão parco em palavras e dum feitio pessoal bastante reservado e frio, ele tomava no entretanto um calor excepcional sempre que se cuidava de defender os interesses de Aveiro. Esteve sempre na vanguarda de todos os movimentos, pugnando pelo bem estar da cidade. Estudou os problemas essenciaes respeitantes ao seu engrandecimento e conseguiu o que a muitos, que se salientam por palavras, nunca foi dado obter.

A memoria do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto deve ser, pois, por todos abençoada porque ele se dedicou sempre mais aos interesses comuns do que aos seus proprios e isso não deve ser esquecido, jámais poderá ser olvidado.

Como partidário e amigo velho do extinto diz-lhe o ultimo adeus.

Que descance em paz.

A multidão, que silenciosamente ouviu as duas alocuções proferidas, começou em seguida a evacuar o cemiterio a cuja porta os pobres recebiam esmola cheios de reconhecimento.

E a noite fazia a sua entrada e no lugubre recinto, pairando sobre as campas dos que ali dormem o derradeiro sôno, penetrava de novo a tranquilidade, o silencio, a mudez...

* * *

O sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, que tambem era cavaleiro da extinta ordem de Aviz, irmão dos srs. Henrique Ferreira Pinto Basto e Marcos Ferreira Pinto Basto, deixa viuva, como dissémos no numero passado, a sr.ª D. Maria José de Azevedo Ferreira Pinto Basto. Os seus tres filhos são: o sr. dr. Egas Ferreira Pinto Basto, lente da Universidade de Coimbra e as sr.as D. Clementina Gusmão Pinto Basto Calheiros, esposa do sr. Antonio Calheiros, capitão de cavalaria, e D. Clotilde Pinto Basto Couceiro da Costa, esposa do nosso presado amigo sr. dr. Francisco Couceiro da Costa, governador geral da India, a quem renovamos o nosso cartão de pêsames.

* * *

Encarregou-se do funeral o distinto armador desta cidade, sr. Francisco Carvalho, com estabelecimento na rua Trindade Coelho.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

REGEDORIA DA OLIVEIRINHA

—(*)—

Dispunhamo-nos a fazer umas leves considerações sobre um artigo que o *Progresso* ultimamente publicou transcrito dum jornal que viu a luz na Costa do Valado, quando o sr. José de Almeida Santos Costa, vindo ao nosso encontro, nos solicita a inserção da seguinte carta:

Meu Ex.mo amigo:

Li no ultimo numero de O Democrata *umas referencias ao jornal que dirigi... e que* morreu ao nascer, *é certo, mas que durante a sua vida só defendeu a Verdade.*

E já que O Democrata *a êle se dirigiu, eu venho, confiado na lealdade jornalistica do meu amigo, pedir para que nas colunas do seu jornal faça uma rectificação ao que tem dito a proposito da substituição do regedor da Oliveirinha.*

O Aldeão, *assim como* O Democrata *encetou uma campanha de moralidade. Nêssa campanha era visado o sr. M. da Cruz Manuelão pelas acções praticadas e pela responsabilidade moral das praticadas por terceiros, pois délas tendo conhecimento não os chamou á ordem.*

O caso das pedras, o caso dos pasquins manuscritos, o caso das cêpas, e tantos outros, são da responsabilidade dêle, sr. Manuelão, como, se necessário fôr, provarei com testemunhas, responsabilidade pelo menos moral.

O Democrata *foi mal informado e pecou por confiar em taes informadores. E como mais vale tarde do que nunca, é ocasião oportuna de fazer a verdadeira historia á actual regedoria da Oliveirinha.*

Não sou politico, nem o quero ser. O Aldeão *foi um jornal defensor de interesses publicos, educativo e moralisador, dispendendo-se nisso as fracas cabeças, salvo uma excepção, e energias que estavam á sua frente.*

Não sou politico, mais uma vez o digo. Não quero saber dos interesses partidários que labutam em volta do caso do regedor. Nada me encomoda que seja Paulo ou Sancho ou Martinho, o regedor da Oliveirinha, desde que saiba cumprir com os seus deveres, não moleste ninguem, não se empavone com seu emprego, não seja factor ou defensor de ataques politico-pessoaes, não difame, não ultrage, emfim, desde que saiba cumprir o seu dever e tenha autoridade moral para bem desempenhar o seu cargo.

Esperando que nas colunas do Democrata *mais uma vez, como muitas, a verdade seja defendida, subscrevo-me*

amigo e obrigado

Costa do Valado, 17—11—914

José de Almeida Santos Costa

Cumprido o dever de lealdade invocado pelo sr. Santos Costa, resta-nos apenas, e para encerrar o incidente que determinou a demissão do sr. governador civil, *como tanto desejáva*, fazer esta observação: nas instancias superiores tem sido e é justamente apreciado o serviço do sr. Manuel da Cruz Manuelão, como regedor da Oliveirinha, não havendo da nossa parte intuito de agravar com o epiteto de *reaccionarios* pessoas que realmente o não são, muito embora tenham concorrido para o desprestigio déssa autoridade e a combatam fazendo causa comum com os padres desrespeitadores das leis da Republica e seus acolitos, que são todos quantos se deixam arrastar pelas suas lôas.

Guerras justas Guerras injustas

Do Capitulo—*A aresta do abismo*—pertencente aos *Miseraveis*, reproduzimos o seguinte trecho devido á penna do imortal escritor Vitor Hugo e inquestionavelmente apropriado ao momento que atravessâmos:

Guerra civil? que quer dizer semelhante frase? Pois, porventura, ha alguma guerra estrangeira?

Porventura alguma guerra entre os homens deixa de ser uma guerra entre irmãos? O fim que ela tem em vista é o que qualifica uma guerra. Não ha guerras estrangeiras nem guerras civis; ha guerra injusta e guerra justa e estas são as unicas distinções. Enquanto não alvorecer o dia em que o grande pacto humano fique ultimado, dar-se-ão sempre casos em que a guerra, pelo menos a que provém dos esforços do futuro apressado contra o passado estacionario, se torne necessaria. Que ha de repreensivel numa tal guerra? A guerra é vergonhosa, transforma-se em punhal a espada sómente quando ela assassina o direito, o progresso, a civilisação, a verdade. Então sim; civil ou não civil, essa guerra será iniqua e o seu nome é o do crime. Excetuando, porém, essa sagrada entidade chamada justiça, com que direito uma fórma da guerra vota o seu despreso á outra? Com que direito renegará a espada de Washington o chuço de Camilo Demonlins? Qual dos dois é mais sublime: Leonidas contra o estrangeiro ou Timoleon contra o tirano? Um é defensor outro libertador. Com que direito hade caír o anátema indistintamente sobre todo e qualquer combate, uma vez que seja travado dentro dos muros duma cidade e entre filhos da mesma terra? Guerra de encruzilhadas? Guerra das ruas? Porque não? Era a guerra de Ambiorix, de Marnix, de Artevelde, de Agneessens. Mas Ambiorix lutava contra Roma, Marnix contra a Hespanha, Artevelde contra a França, Agneessens contra a Austria; todos contra o estrangeiro. E que outra cousa é a monarquia? Um estrangeiro. Que outra cousa é a opressão? Um estrangeiro. Que outra cousa é o direito divino? Um estrangeiro. Assim como a invasão viola a fronteira geografica, o despotismo viola a fronteira moral. Em qualquer dos casos repelir o trôno é defender o territorio proprio. Chega um momento em que não é bastante o protestar, em que á filosofia deve suceder a acção, em que a violencia deve ultimar o que a ideia apenas esboçou, em que deve acabar Aristogiton e principiar Prometheu acorrentado, em que ilustradas as almas pelos enciclopedias, deve o 10 de agosto eletrisa-los. Após Eschylo, Trasibulo; após Diderot, Danton. As multidões teem uma tendencia particular a deixarem-se dominar. No fundo são apativa e facilmente se totalisam em obediencia. Por isso se torna mister agita-las, impeli-las, trazer os homens mesmo aos empuxões a receber o beneficio da sua alforria, ferir-lhe os olhos com a verdade, atirar-lhes a luz a punhados terriveis. E' preciso que a sua propria salvação os fulmime até cérto ponto a eles mesmos, porque a essa luz que os deslumbra acordarão. Daqui portanto a necessidade dos rebates e das guerras. E' mister que despontem heroes, que surjam combatentes valorosos que iluminem as nações com a sua audacia e abalem essa triste humanidade submersa nas trevas do direito divino, da gloria cesareana, da força, do fanatismo, do poder irresponsavel e das magestades absolutas; turba estupidamente entretida a contemplar, do meio do seu esplendor crepuscular, estes opacos triunfos das trevas. Morte ao tirano! Mas que tirano? De que quereis falar? Que tirano é o vosso? Dais esse nome a Luiz Filipe? Não; nem tão pouco a Luiz XVI. Ambos eles são o que a historia costuma dominar bons reis. Mas que importa? Os principios não se mutilam, a logica da verdade é retilinia; o seu carateristico consiste em se não deixar amoldar a esta ou áquela feição. Portanto, nada de concessões; toda a usurpação feita ao homem deve ser reprimida; Luiz XVI representa o direito divino, Luiz Filipe o *porquê Bourbon;* ambos, até cérto ponto, representavam a confiscação do direito, e para exterminar a usurpação universal é mister combate-los; é mister, sendo a França sempre a primeira. Quando em França cáe o despota, cáe em todas as outras partes. Em suma, restabelecer a verdade social, restituir á liberdade o trôno que lhe pertence, restituir o povo ao povo, restituir a soberania ao homem, recobrir com a purpura os hombros da França, restaurar em toda a sua plenitude a razão e a equidade, suprimir todo o gérmen do antagonismo, restituindo cada um a si mesmo, aniquilar o obstaculo que a realêsa oferece á imensa concordia universal, pôr o genero humano ao nivel do direito, que causa mais justa, e, por consequencia, que guerra mais sublime? Estas guerras são as que fórmam as bases da paz. Ainda aí existe uma fortaleza enorme de preconceitos, privilegios, superstições, mentiras, exacções, abusos, violencias, iniquidades e trevas, ameaçando o mundo com as suas torres de odio. E' mister derruba-la. E' preciso fazer baquear essa mole monstruosa.

Vencer em Austerlitz é uma cousa sublime; tomar a Bastilha é uma cousa imensa.

Hoje não se trata da Bastilha, mas trata-se positivamente de qualquer cousa que sobreleve esse grande acontecimento—trata-se de esmagar a Alemanha como unico recurso para estabelecer a paz na Europa.

Eis a diferença, só, porque no resto Victor Hugo fala como mestre.

Cinismo

Se ha entre os homens carateres hediondos, o cinico é de todos o que mais horrorisa e insulta o ser humano—dizia um coléga nosso—acrescentando logo a seguir:

Todo aquele que, monospresando as instituições e leis sociaes, abraça como evangelho essas tão réprobas ideias, tão torpe e repugnante pensar, indigno do nome de homem, deve ser banido de entre eles como um monstro perseguidor da sociedade, como um motor de corrução capaz de preverter tudo.

O coração do cinico é um antro tenebroso aonde habitam crimes tantos quantos possam imaginar-se.

Para conseguir os fins, acha licitos todos os meios. Para satisfazer um infimo desejo, ele pratíca o mais indigno acto, o mais enorme crime: engana, seduz, rouba e aasassina, gloriando-se de exercer todos os vicios, e não córa quando a sociedade lhe aponta as suas infamias, porque o ferrete da perfidia sumiu-lhe o pejo do manchado rosto; não cerra os olhos quando aos pés se lhe arremeça o feio quadro dos seus crimes, e com uma indefenivel impassibilidade levanta esse quadro e desprende um sardonico sorriso; contempla esse painel aonde estão debuxadas as fórmas do seu improbo coração, como a arte revê as suas obras.

A vida para ele é um calculo, mas um calculo erroneo; a virtude e a honra são quiméras a que não liga importancia.

No peito não alberga um só sentimento. O amor, a amisade, a compaixão, a caridade e a justiça são palavras ôcas e de vão artificio.

Se o acaso esconde os seus crimes, vive satisfeito; se os discobre o mundo e lhos lança em rosto, com a maior sem vergonha os confessa, e se á justiça um dia é manifesta a malvadez e quer puni-lo extingue em si mesmo a existencia, porque não quer dar aos homens a gloria da sua punição.

Quasi sempre, porém, estes negros monstros calcam durante a sua sempre longa vida essa vil senda do cinismo, vivendo impunes porque raras vezes os ministros da lei cumprem com rectidão os deveres que constituem o seu ministério.

Ah! E lembrarmo-nos que ainda noutro dia vimos, tomando parte no funeral do sr. Gustavo Ferreira Pinto, aquele *Bichêsa*, tão conhecido das gentes, sem que um parente, um amigo lhe fizésse vêr a afronta que constituia para o morto a presença da réles creatura!

Arre, que nunca se viu nesta terra coisa mais degradante!

Notas mundanas

Regressou da Costa Nova o velho habitué *daquéla praia, sr. Augusto Guimarães.*

=Fez ante-ontem 9 anos a menina Inocencia Mendes Agra, interessante filha do digno oficial nautico, sr. Antonio da Rocha Agra, ausente em Manáus.

As nossas felicitações.

=Estivéram nésta cidade os srs. dr. Abilio Marques, da Costa do Valado; Adelino de Macêdo e Custodio Tribuna, de Anadia; Manuel Ferreira Rebolo, da Palhaça; dr. Samuel Maia, de Ilhavo e José de Freitas Sucena, digno secretário da administração do concelho de Agueda.

=Foi promovido a capitão e colocado em Aveiro, o medico militar, sr. dr. Manuel Rodrigues da Cruz.

=Casou ontem, por procuração, com a sr.ª D. Adriana do Paraiso Fernandes Pereira, filha do antigo professor do liceu désta cidade sr. dr. Elias Fernandes Pereira, o sr. José Augusto de Aguiar, acreditado negociante no Pará.

Testemunharam o acto civil, que se realisou em casa do pae da noiva, as sr.as D. Alda do Firmamento Fernandes Pereira e D. Severina de Moraes Ferreira e os srs. dr. Joaquim Simões Peixinho, Domingos dos Santos Gamélas e alferes Amilcar Mourão Gamélas.

A noiva, que em bréve parte a juntar-se a seu marido, é uma senhora muito prendada e das mais ilustres de Aveiro, pelo que lhe augurâmos um futuro venturoso, repleto de felicidades.

=Continua enfermo o sr. Manuel Augusto da Silva, entendido mestre de obras.

=Tambem se acha encomodado o sr. Manuel Maria Moreira, com estabelecimento de fazendas na rua Direita.

Ao sr. Ministro da marinha

Dia a dia se vae agravando assustadoramente a situação economica das companhas proprietarias das *chávegas*, no litoral da nossa costa, empregadas na pesca de sardinha, como tambem de tal situação outras se vão derivando, com gravissimo prejuizo de quantos vivem do tráfego e do produto da pesca, a primeira riqueza, sem duvida, de toda esta vastissima região.

Já aqui, vae para um ano, advogámos com todo o calôr a defêsa dos interesses vitaes não só da enorme população piscatoria désta terra, como das empresas que tem valiosos capitaes representados no complicado e vasto material da pesca, quando da petição de licença para o estabelecimento dos *cêrcos americanos* na nossa costa.

As nossas palavras juntas áquélas que pela Associação Comercial, Câmara, Capitanía do porto, Associação de Bateleiros e outras foram pronunciadas, ecoaram profundamente onde deviam ser ouvidas, pela inegavel justiça que lhes assistia. Recusada, pois, pelas instancias competentes a concessão solicitada, estabelecido ficou que desde Mira a Espinho não fosse permitida a pesca por aquele sistema, que implicava a imediata ruina de todos os outros, com as consequencias pavorosas duma crise em que eram atingidas dezenas de milhares de creaturas.

A essa disposição outra foi tomada de tão transcendente importancia e resultado, como complemento daquéla, a respeito da qual cabem agora os justissimos reparos e protestos que de novo se estão justamente suscitando entre os interessados ao lado dos quaes, incondicionalmente, nos encontramos.

E' o caso, que, estabelecida, como está, a proibição da montagem dos *cêrcos* para a apanha da sardinha, esta, todavia, continua fugindo da costa afugentada pelas rêdes dos vapores hespanhoes que, não podendo pescar, como todos êles, se não a seis milhas de terra, aproximam-se quanto pódem e tão perto que, vendo ha dias sair a barra um dos barcos da nossa ria movido a gazolina tomaram-no á conta de embarcação fiscal e, lestos, se fizéram ao mar evitando assim as consequencias resultantes das suas continuas infracções.

Neste abusivo serviço de tão grâves resultados para nós empregavam-se na semana corrente 35 vapores, tantos foram os observados por centenas de pessoas.

E' certo, e neste ponto insistimos apoiados na verdade irrefragavel dos factos, que uma canhoneira ou qualquer outra embarcação sae de Lisboa percorrendo a costa na devida fiscalisação destinada a reprimir e terminar o abuso gravissimo a que aludimos.

Porém o que se vê é que o barco fiscalisador se contenta em seguir o seu rumo para o norte ou para sul num andamento vagaroso, dando tempo a que os vapores atinjam a distancia estabelecida para voltarem pouco depois á primitiva fórma porque as suas tripulações antecipadamente sabem que a derrota do barco português se não interrompe fazendo-se a sua passagem como gato por brazas e ancorando em Leixões ou em Lisboa, donde só muito tarde torna a sair.

Atento o constante abuso e prejuizos correspondentes que de tal situação resultam, tornava-se indispensavel, como unica fórma aproveitavel e util, que a canhoneira pairasse o maior espaço de tempo e até de dias percorrendo a extensão da costa que mais precisa da sua fiscalisação de fórma a afastar essa perniciosa e numerosa esquadrilha que tão abusiva e impunemente está não só escarnecendo das disposições estabelecidas como ainda causando os mais grâves prejuizos a todos nós.

E' exclusivamente devido a esta razão a completa ausencia da sardinha apezar das continuas tentativas para a sua colheita, da mansidão do mar e da bonança do tempo que, todavia em épocas identicas, nos anos anteriores, de tanta abundancia eram, trazendo a fartura, a alegria e o pão a tanto lar e a tanta familia.

Para a sumaria exposição que aqui fazemos chamamos a atenção do sr. ministro da marinha de quem esperamos as indispensaveis providencias tendentes a evitar o agravamento duma situação que neste momento se esboça inquietadora atento o lapso de tempo decorrido sem a apanha de peixe que os barcos hespanhoes enxotam e levam com incalculavel prejuizo da classe e do govêrno que, por sua vez, lezado fica na cobrança do imposto respectivo, que nulo é presentemente.

Albuns com postaes de Aveiro

Cada . . . 20 centávos

Para revenda, massos de 10. . . . . . 1$50

Souto Ratola

AVEIRO

PELA IMPRENSA

Recebemos a visita do *Democrata Feirense*, semanario que ha pouco começou a publicar-se na Vila da Feira, dirigido pelo sr. dr. Americo Teixeira.

Defende a politica do velho Partido Republicano Português sem descurar os interesses do concelho de que *é estrenuo* defensor.

Longa vida lhe desejâmos.

= O nosso coléga de Vila Real, *A Evolução*, entrando no segundo ano de existencia, publicou um numero especial, impresso em papel *couché* e ilustrado com o retrato do sr. dr. Antonio José de Almeida.

Acompanha-o um magnifico artigo sobre a vida politica do chefe evolucionista, recordando o seu passado de ardente republicano, e assim comemora a *Evolução* o seu aniversario por motivo do qual lhe dirigimos as nossas sincéras felicitações.

Misérias

Apareceu ante-ontem metida nas silvas dum comoro proximo de uma azenha situada ao pé da egreja de Esgueira uma creança recem-nascida, em adiantado estado de potrefacção, de que a autoridade tomou conta.

Estão encetadas averiguações no sentido de procurar descubrir a mãe do inocente.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Documentos sugestivos

—=(*)=—

Heroicidade e patriotismo

Professores primarios de França teem caído sob as balas alemães.

Um deles, Leão Bourny, professor em Auriac, que fazia parte do 108.º regimento de infanteria, no posto de alferes, foi ferido em Saint-Hilaire-le-Grand e morreu no *hospital* de Chaloussur-Marne, no dia 4 de Outubro.

Tres dias antes de morrer, o heroico rapaz escreveu ao padrinho, tambem professor em Soursac, a carta que segue:

«Querido padrinho:

Escrevo a si para não afligir minha mamã, a quem a noticia que vou dar talvez cause a morte.

Fui ferido em 29 de setembro em frente a Saint-Hilaire-le-Grand, tenho duas feridas horriveis e sei que não viverei muito tempo. Os medicos tambem não me deixam ilusões a tal respeito.

Morro, no entanto, sem pezar, com a consciencia de ter cumprido o meu dever.

Previna, portanto, meus paes do melhor modo que possa e sobretudo que êles não pensem em vir vêr-me, porque, cérto já não viriam a tempo de me encontrar vivo.

Adeus meu querido padrinho, querida madrinha, queridos paes, queridos primos, todos emfim a quem eu tanto amava.

Viva a França!

L. Bourny.»

Ao ilustre Presidente da Republica Francêsa foi endereçada a seguinte carta que, como a anterior, é digna tambem de registo:

«*Sr. Presidente*

Como ainda sou muito novo — tenho apenas 13 anos—para prestar serviços á minha Patria pensei entretanto que podia ser-lhe util. Creio que neste momento a nossa bela França, se tem necessidade de muitos homens, deve ter tambem necessidade de muito dinheiro.

Então, resolvi que devia fazer alguma coisa; não será uma acção brilhante, mas será tudo o que eu posso fazer por agora.

Eis o meu projéto que lhe peço para me permitir realisar:

Em vista da minha aplicação na escola, obtive este ano o meu atestado de estudos e além disso um premio especial que me vão dar, um livro de deposito de 50 francos na Caixa Economica. Estes 50 francos quero emprega-los da seguinte fórma: compreendo que é por meio de percepção de impostos que a França póde pagar tudo o que comprou. Pude vêr na folha de imposto que meu pae recebeu, que devemos pagar 30 francos. Quer V. Ex.ª autorisar-me a pagar essa quantia? Ficam-me 20 francos que lhe desejo mandar pessoalmente; o sr. Presidente saberá melhor do que eu em que emprega-los. Meu pae partiu para a guerra. Queria fazer mais, mas não posso, infelizmente; vivemos neste momento apenas da pensão que minha mãe recebe todos os mezes e não tenho mais nada.

Peço-lhe para aceitar o meu oferecimento que é feito do fundo do meu coração e para crêr na minha grande admiração.

José Rounet.»

Necrología

Só agora, apezar de perto estarmos, soubémos do falecimento, em Quintã, da mãe do nosso amigo sr. Ventura Simões Aidos acreditado industrial de padaria estabelecido na vila de Agueda.

Dotada de generosos sentimentos, a extinta distinguiu-se na prática do bem repartindo com os pobres algo do que podia dispôr, motivo porque a sua morte é assaz lamentada.

Acompanhamos toda a familia, e, em especial, o sr. Ventura Aidos, na sua justificada dôr.

=Egual desgosto têve o tambem nosso amigo sr. Manuel Simões da Rosa, de Mamodeiro, a quem a morte arrebatou o pae, que era um cidadão muito estimado em toda a freguezia de Requeixo.

Sentindo o triste desenlace aqui deixâmos á enlutada familia o nosso cartão de condolencias.

Dr. Moraes Cabral

Em Valença, terra da sua naturalidade, faleceu no dia 3 do corrente o sr. João Bernardo Xavier de Moraes Cabral, que foi juiz do 2.º distrito de investigação criminal de Lisboa donde fôra transferido para a ilha das Flôres, não chegando, porém, a tomar posse.

O dr. Moraes Cabral passou parte da sua mocidade em Aveiro, pois era aparentado ainda com a familia do nosso director, lembrando-nos bem da espera que lhe foi feita na estação de Mogofôres, após a sua formatura em direito, e dos festejos que se seguiram promovidos por um grupo de amigos do novel bacharel, que lhe quizéram fazer éssa surprêsa.

Bons tempos, esses...

A *Plebe*, hebdomadario republicano independente, presta á memoria do dr. Moraes Cabral uma sentida homenagem a que intimamente nos associâmos.

A MISERICORDIA DE DEUS NA ATUALIDADE

—=(*)—=

Hoje, como ha vinte seculos, o maior empenho do catolicismo, era conservar-nos algemados á ignorancia e á cegueira.

Hoje, como então, existe por toda a parte uma crença inabalavel num sêr supremo, misericordioso, todo bondade para o justo e sevéro para o pecador, que prevê as cousas, e que, com o seu poderío, dá vida á morte, permuta o mal em bem e a guerra em páz.

Desde os tempos mais remotos, esse Deus abandonanos á crueldade humana, á furia dos inimigos, e vê-nos despedaçados pelas baionetas, e fuzilados pelas suas armas, que, sedentos de vingança, se precipitam iludidamente nas garras magnetizadoras do desejo de vencer.

E' que a clemencia desse Deus transpôz os limites, e hoje a sua maldição cai sobre nós, qual raio fulminante num dia tempestuoso. A sua justiça alastra-se impetuosa e sibilante, indicando ás nações que é rigoroso o seu proceder, pois não tem força suficiente para apasiguar as nações beligerantes, que se degladiam encarniçadamente.

Um Deus assim, assistindo de braços cruzados á presente conflagração, e que do seu trono de magestade assiste incomodamente a tantos e tão hediondos crimes, e com o seu poder ilimitado não apasigua tantos males, ou não é Deus, ou abandonou-nos á mercê dos contratempos que nos assistem uns apoz outros.

E sendo assim, para que engrandecê-lo e elevar o seu prestigio tão alto, se vivemos separados radicalmente de todo o seu poder?

Não; não devo crêr num Deus ridiculo, num Deus que se gloría de vêr pelejar pae com filho, irmão com irmão, amigo com amigo; não devo crêr num Deus desumano e mesquinho, inapto para o bom regulamento da maquina universal e convivencia divina com sêres inferiores, todavia seus dignos filhos; não devo crêr num Deus de *enormes barbas de algodão*, que consente se pratique tanta desonestidade, tanta impureza e tanta corrução; não devo crêr num Deus, covarde, que induz seus filhos á guerra e como Deus dos exercitos, abandona-os no campo da batalha, indefesos e exanimes; não devo crêr num Deus misantropo, que disse estar comnosco até á consumação dos seculos, e contudo esqueceu a sua pérfida promessa, ou porque é falsa a sua doutrina, ou o seu poder é limitado; finalmente não creio num Deus vingativo, inconsciente, vandalico, astucioso e taciturno ás lagrimas purpurinas da mãe quasi louca, que viu partir para a morte, para a guilhotina o seu filho unico, a luz dos seus olhos, o seu sustento, nesse Deus promotor da desordem, inimigo figadal da sociedade e acerrimo instigador da perturbação dos povos. Os factos provam os argumentos.

Se existe Deus, como nos ensinaram os nossos primeiros paes na época das trevas e da ignorancia, ou os seus costumes são mui diversos, ou é um Deus desprezivel, abominavel, perverso, malicioso e injusto. E se previa a catastrofe que sobre nós carrega, porque não cortou logo o mal pela raiz, antes que sobre nós caissem males ainda maiores? Eis prostrado por terra o seu poder supremo, eis derribada a obra fundamental da sua religião.

A minha consciencia imparcial brada bem alto, que esse Deus, que adoram, não é mais que um sonho irrealisavel, um fantasma engenhoso, que se oculta sob a ignorancia de muitos e a timidez crassa da maior parte.

Porque, um Deus que se presa, deve desenrolar o seu podêr ao genero humano, tal como fez Cromwell, que mostrou a todas as nações ter poder bastante para fazer rolar sobre o patibulo a cabeça de Carlos I de Inglaterra.

Pará, 30—10—1914.

A. d'Elmadal

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

O PADRE SERODIO E O VENENO FANATICO

—=(*)=—

Antes que principie o meu arrazoado permitai-me envenenadores fanaticos este desabafo: nunca fui nem heide ser hipocrita religioso, mas sim crente religioso, crente na essencia da pura religião aquéla que esse misericordioso Nazareno prégava — *amai-vos uns aos outros.* Não me julguem mal pelo que francamente debaixo da logica e da razão e com nitida pureza vou ponderar, nem suponham que eu sou por aí algum ateu perigoso, já incapaz de voltar ao aprisco da religião com que me crearam. Tenho crenças muitissimo profundas, invariaveis na sua essencia e sublimes na grandeza do que significam. Adoro o Deus do bem, o Deus da páz, o Deus do amor, que é sempre o mesmo Deus.

Sei que sem a sua graça e privado da sua omnipotencia eu não posso mover-me nem ao menos respirar. Reconheço a sua infinita sabedoria e o seu poder amoroso na mais fragil planta e na mais temida das féras do bosque.

Vejo-o em todas as maravilhas da Natureza e em todas as concepções do coração humano. Admiro-o em toda a grandiosidade da harmonia dos elementos que uma obediencia absoluta faz mover com tanto acerto e tanta pontualidade, que o homem nunca foi capaz ao menos de compreender. Louvo-o no intimo da minha consciencia porque éla propria faz parte da pureza da sua divindade!

Reconheço que o meu sêr é uma particula do proprio Creador, porque, embora envolto em imperfeições, tem, por assim dizer, a ancia do bem e da generosidade, irmã legitima da caridade pura e casta. Admiro-me como a minha propria consciencia me vergasta e me brada ferozmente, quando pratico o mal, gritando-me que não volte ao erro e que seja bom! Surpreendo-me quando o remorso me aflige e acabrunha por causas, á vista humana, mesquinhas, mas aos olhos do Senhor ofensivas e indignas! Temo o Senhor em tudo quanto digo e faço, mas creio absolutamente no seu amor, no seu perdão e na sua misericordia!

Já veem que amando a Patria e a Republica não sou um ateu nem um descrente nem hipocrita. Agora pergunto eu:—Será possivel que um Deus de piedade e ternura condenasse algum dos seus filhos á esterelidade do amor e da ventura, quando tudo que vive, ri canta, desabrocha com todas as belezas patenteadas tão prodigamente pela Natureza Creadora? Será possivel que seja necessario, em quaesquer das instituições humanas, o sacrificio absurdo e incompativel com a propria natureza, de o homem negar-se a si mesmo a cooperar, como todos os sêres, para a procreação venturosa e progressiva do seu proprio genero, que é o genero humano?

Não acalenta o sol todos os sêres, desenvolvendo-os e preparando-os para as leis da multiplicação, para o eterno reviver das raças, passando-se o sangue, o amor, a natureza e por assim dizer a propria alma para o entesinho que é nosso filho, quando a vida se nos extingue? Por ventura o Creador impôz algum ente á esterelidade, á repressão dos impulsos naturaes, á sufocação violenta da expansão sublime da Natureza que faz o progresso da vida humana? Não; mil vezes não!!! Os livros santos aconselham, mandam, ordenam, que o padre, o bispo, o diacono sejam casados, maridos duma só mulher, que governem bem a sua casa e criem seus filhos no santo amor e temor de Deus. São as sagradas epistolas de S. Paulo a Theomotio, que assim o ensinam, que assim o mandam. Esse grande liberal, padre Serodio, que, querendo-se unir a uma senhora conforme manda a sociedade e a moral religiosa afim de evitar o escandalo, os seus proprios colégas calumniam afim de que essas almas envenenadas fanaticamente por eles não creiam na sua catequése, é uma vitima dessa moral religiosa, desses conspurcadores das palavras do misericordioso Nazarero que dizia: *amai-vos uns aos outros*, mas que permite que arrastem para o bordel da podridão mulheres casadas assim como meninas. Para que é que um tonsurado de uma povoação ou logar da freguezia de Osséla têve o arrojo de religiosidade escrevendo cartas amorosas a uma menina deste logar? Era para a guiar para o caminho da honestidade? Ah! não era, não!... E' por isto que a classe dos tonsurados está para mim completamente divorciada, porque reconheço um Deus muito amoravel, muito mais bondoso e infinitamente mais misericordioso do que aquêle que não permite o consorcio ao padre liberal e sim consente a mancebia de fórma que abandonem os filhos das amantes daquêles que dizem ser seus representantes na terra! Fazei, parasitas religiosos, ao padre Serodio conforme fez o clero magestatico a Frei Bartholomeu dos Martyres que se este não foge imediatamente ao sair do Concilio de Trento teria sido assassinado. E pelo que? Porque em harmonia com a doutrina transmitida aos apostolos, segundo as epistolas de S. Paulo a Theomoteo, êle pediu carinhosamente que permitissem o consorcio para o clero evitando assim tanto escandalo e tanto abandono de creaturas humanas desses tonsurados profanadores de uma religião que êles vestiram com a roupagem da hipocrisia para proveito da sua bolsa.

Pinhão, Oliveira de Azemeis, 10

Padre Mestre

Licôr PATRIA

O melhor licôr até hoje conhecido. Fabríco especial de Augusto Costa & C.ª

Quinta Nova
OLIVEIRA DO BAIRRO

I

O licôr **Patria**, já viram?
E' hoje o rei dos licôres!
Todos os homens admiram
Seus efeitos, seus sabores!

II

Licôr **Patria**, é um primôr
Com todos os requesitos:
Apezar de ser licôr
Dá saude aos mais aflitos!

III

Licôr **Patria** que delicia
Para o pobre e p'r'o jauta!
Não o beber tem malicia...
Quem o beber é patriota!

IV

Licôr **Patria**: em meu peito
Tu tens a melhor guarida!
Não ha licôr mais perfeito
Que se encontre nésta vida!

V

Licôr **Patria**, ó leitores
Ele inspira qualquer trova;
E' hoje o rei dos licôres
Que se faz na Quinta Nova

Enviam-se preços e condições de venda á quem as pedir.

Deposito em Aveiro— *Tabacaria Havaneza.*

sa nobremente, não perdemos a oportunidade para desfiarmos a interessante meada tecida pelos conspirantes para a ambicionada restauração realista.

Isso, pois, será feito. O *dossier* é enorme, apesar de interessante, e antes mesmo que dele falemos urge chamar a atenção do govêrno para o facto incontroverso de que, como diz o sr. dr. João de Menezes, o movimento de ha dias é precisamente o movimento de ha um ano, impedido então, mas não desorganisado.

Portanto o govêrno sabia perfeitamente todo o vasto plano da conspiração. Conhecia todos quantos nele se encontravam envolvidos. Estava no segredo da conspiração, dentro dos seus *complots* e das suas ramificações, absolutamente consciente de toda a sua organisação e istomesmo se confessou já.

Os documentos que vimos, o processo do sr. João Eloy, as provas mostradas a jornalistas, os depoimentos das testimunhas, tudo o que constitue o *dossier* da conspiração de Outubro do ano passado, déram ao govêrno todas as facilidades de descobrir a vasta rêde em que a Republica devia ser caçada. Essa rêde não se rasgou, não se esfacelou. Conserva todas as malhas. Uma só rompeu. A de Mafra.

Se o govêrno, numa atitude verdadeiramente republicana, tivésse cumprido á risca o preceituado no decreto de amnistia, isto é, se fizésse proseguir o julgamento do sensacional processo da conspiração, para apreciar todas as responsabilidades, ou se, na melhor das hipoteses, tivésse ao menos dado ampla publicidade da documentação em seu poder para esclarecimento do publico e da nação, talvez que a vergonha que este ano foi arremessada contra a Republica se tivésse evitado.

Não se fez assim. O processo do sr. João Eloy, como a documentação desse processo, jazem sepultos no seio do mais misterioso esquecimento!

Não acusâmos, nem louvâmos o govêrno. Não é, como já dissémos, uma campanha que vamos iniciar contra o govêr-

PARA A HISTORIA

Nos bastidores da conspiração

DE

1913

OUTUBRO
1914

Comunicados

A familia Ferreira Pinto Naturista

e as suas afecções nervosas. Tratamento apropriado por Marcos Ferreira Pinto, socio da Sociedade Protetora dos Animaes Domesticos

Sempre cheio de entusiasmo pelas doutrinas de Jean Grave, começava a minha educação sociel em Vagos, já com conhecimentos para propagar os ideaes republicanos e anti-religiosos, em oposição a éssa monarquia vil, de adiantamentos e explorações, que imperava em Portugal.

Não era só nos negocios de dinheiro que se manifestava a exploração do homem pelo homem; os assaltos á liberdade de pensar estavam na ordem do dia logo que contrariasse éssa politiquice reles dum caciquismo ainda mais repugnante.

Já na penultima eleição da monarquia o meu voto era pelos republicanos apezar de ser empregado publico e saber quanto isso me ia custar.

Vou contal-o para que se saiba a maneira jesuitica como foi casttigado o meu liberalismo:

Estava na Costa Nova a ares e tratava-se de organisar a companhia do bacalhau com mais navios.

Faltavam tambem novos socios.

Eu era convidado para uma vaga com o encargo de cuidar da escrituração e como tambem tinha credito, o capital arranjava-se. Assim me fizeram acreditar na participação desse negocio que comecei a zelar.

Por todos os cantos e a toda a hora se discutia bacalhau; se não fôsse gente rica era tida por maluca.

Um dia depois de almoçar sou chamado para ir a Ilhavo assinar a escritura da sociedade e quando esse acto começou já a altas horas da noute, vejo-me substituido por um padre ! ! !

O sr. Alberto tambem contou que eu votasse pela gente do sr. Conde de Agueda. Estavamos pagos.

Ao jantar, que começou pelas onze horas, falou-se muito em republicanismo com certa ironia.

Vamos a outra.

Estavamos em vesperas da ultima eleição da monarquia e tratava-se de arrebanhar eleitores; já eu era recebedor em Ilhavo por permuta feita com Abilio Trancoso.

Todas as tardes ia para a Costa Nova donde voltava no dia seguinte de manhã. A recebedoria era então onde hoje está instalada a escola de desenho do Centro Escolar Republicano.

Numa ocasião em que estava só ou com João Couto, não me recordo bem, entra ali o sr. Alberto muito animado e galhofeiro, como sempre que pretende qualquer cousa, e diz-me:

—Sabes que tens de ir a Vagos votar nésta eleição?

O conde está empenhado em a vencer custe o que custar. Tens que ir sem falta.

—Sim, isso é muito bonito de dizer, mas o primo sabe muito bem que tenho lá feito propaganda republicana, e que não me fica bem ir votar com monarquicos; prefiro não aparecer na eleição.

—Não pódes faltar, mesmo quero pedir-te para acompanhares a Vagos o deputado progressista que vem ficar ao Paço néssa noute; como sabes tenho que fazer em Ilhavo, não posso desamparar a urna.

—Isso é obrigar-me a fazer uma acção que se não harmonisa com a minha maneira de pensar.

—Deixa-te déssas republicanisses e lembra-te de que em indo ao poder um sr. de tal que me não lembra os empregados publicos que fôrem republicanos vão todos para o meio da rua se não chegarem á Africa.

Na vespera da eleição marchamos para o Paço onde debalde esperei a vinda do deputado.

Pouco dormi néssa noute; estava nervoso, a força hipnotica deste homem que mereceu entre os grandes caciques o justo gráu de potencia politica de primeira ordem ter-se-ia apoderado de mim se desconhecesse por completo esses processos de exploração.

Pois sabem quem apareceu no domingo de manhã para eu acompanhar a Vagos? Foi o sr. Augusto Pereira, caixa da Fabrica da Vista-Alegre num carro da mesma fabrica com alguns votantes ! !

Com esta companhia fui, chegando a Vagos bastante encomodado, tinha febre.

Dum lado estava o dever patriotico de votar nos republicanos que eu adivinhava serem em bréve os organisadores dum regimen de progresso, a caminho de outra sociedade mais cristã, mais humanitaria e social; pelo outro lado, os favores recebidos do sr. Alberto no numero dos quaes figurava o meu despacho para recebedor, faziam de mim um escravo convicto desses mesmos favores.

A luta era medonha.

De repente lembrou-me a resposta duma bruxa que alguns anos antes tinha procurado para me dizer a quem mais devia o meu despacho para recebedor da Batalha visto serem bastantes os padrinhos.

A resposta foi dada a rir-se:

—Tu deves o teu despacho principalmente aos serviços que um dia ha-de prestar na politica progressista um estudante muito inteligente; deves conhecel-o.

Nunca mais tinha pensado no caso, não llguei importancia aos devaneios da bruxa, mas naquele momento um clarão me iluminou o espirito e resolvi ir para a frente.

Entre outros camaradas acercaram-se de mim o A. Trindade e A. Vidal que distribuiam listas republicanas cheios de animação por contarem ás duzias as que já estavam na urna.

Logo previ que não seriam contadas por acordo entre regeneradores e progressistas, e duas ou tres que deixassem escapar, como aconteceu, cincoenta republicanos diriam que eram as suas. Não havia que fiar no nosso representante da meza; o sr. Franco era amfibio, ao serviço dos regeneradores.

E como havia eu de fazer escapar a minha lista a tanta malandrice?

Por um meio facil: Era cortar dois ou tres nomes da lista progressista que me tinham dado, e substitui-los por republicanos entre os quaes figurava o meu parente Couceiro da Costa, hoje goverhador geral da India.

Foi o Vidal, filho, o encarregado de reformar a lista, para não ser conhecida a minha letra, mas como entrou trincada na urna, sobre os olhares fiscalisantes do grande caudilho progressista Jayme Lopes, bem depressa fiquei denunciado.

Assim retirei de Vagos muito de bem com a minha consciencia, mas triste e cheio de repugnancia por aquélas pressões de toda a especie, cometidas numa eleição anunciada de livre.

Algum tempo antes, um ano talvez, tambem escrevia os meus artigos de principiante para o *Jornal de Vagos* que m'os publicava depois de submetidos á censura do dr. Sobreiro, e para que se conheça o que este senhor me fez em satisfação da sua vaidade politica vou aqui repetir um periodo por ele cortado num artigo em que enaltecia o saber do dr. Alfredo de Magalhães e a sua jornada patriotica a um comicio em Ilhavo a par das apreciações que lhe faziam os homens de dinheiro e os intelectuaes da politica progressista. Assim escrevia eu:

«E' que a nossa Patria só foi verdadeiramente querida quando os nossos antepassados a defendiam palmo a palmo vertendo ondas de sangue numa ambição de gloria, hoje confiam-n'a a administrações infelizes com a mesma semcerimonia com que ámanhã a entregam a uma nação estrangeira.

E agora o meu voto pela Republica era mais um crime, com que o empregado publico atacava o regimen vigente das ladroeiras.»

Nunca mais poude vêr bem esse Sobreiro, que tão precisado estava da cortiça tirada.

Agora vamos conhecer os castigos aplicados ao ingrato parente, que, com cabelinhos no coração se não fizeram esperar muito.

Ilhavo.

Marcos Ferreira Pinto

VINHOS DO PORTO

Experimentem os da casa

Rodrigues Pinho

—DE—

VILA NOVA DE GAIA

(Porto)

Pois são dos melhores que ha

O fino **Moscatel velho** ou o vinho superior

Regenerante

CORRESPONDENCIAS

Ois da Ribeira, Agueda, 10

Principiamos hoje por protestar contra a maneira como é feita a distribuição do correio nésta freguezia.

Não obstante esse serviço ser ilegal por o desempenhar um menor, temos ainda que esperar até ás 14 horas, pela correspondencia, o que nunca sucedeu. Os antigos distribuidores do correio quando chegavam a esta freguezia nunca ultrapassavam das dez e meia horas. Mas não é só isto que se dá: a correspondencia é entregue aos seus destinatarios toda amarrotada e cheia de vinho.

Não póde ser. Tal serviço não póde continuar e por isso pedimos a quem competir providencias, para não termos que voltar ao assunto.

=A Junta de Paroquia, que, na sua maioria, é composta de monarquistas impenitentes, anda na lua. Ainda agora o seu presidente, creatura odeosa e que nunca tomou chá em pequeno, pensou em inutilisar um contrato que a Câmara tinha feito o ano passado com o atual barqueiro désta freguezia, só para fazer com o caso a sua politica de campanario, em que é eximio.

Mas a coisa saíu-lhe furada como não podia deixar de ser, atendendo á legalidade do contrato, e tambem porque temos, felizmente, á frente do Municipio um homem de pulso. Mas minam sempre, os maráus...

=Por informações que temos, e que reputamos seguras, o aniversário das Almas feito em Cabanões, freguezia de Travessô, por creaturas rebeldes, que têm um odio de morte á Cultual, redundou este ano num grande fiasco. Ainda bem que o povo de Ois da Ribeira se vai emancipando do jugo dos padres inimigos da sua Patria. Neste caso temos que felicitar o nosso amigo e corriligionario Silverio Tavares Pinheiro, que, apezar de pertencer á directoría da mesma irmandade, não concordou que tal festança se fizésse em terra extranha.

O mesmo fizéram vários cidadãos que vão compreendendo que o caminho direito é não andarem acorrentados a padres conspiradores.

A' ultima hora fomos informados que a reaccionaria directoría distribuiu, como quiz, as esmolas aos pobres, sem a superintendencia do digno regedor désta freguezia. Estariam aconselhados pelo sr. Armando Castéla que está no proposito de desautorar este grande patriota? Para levar isto ao conhecimento do sr. governador civil achamos inutil. E' perder tempo.

C.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Anuncios

AVISO

Pelo presente é avisado o sr. José Gonçalves, viuvo de Maria Aurora da Costa, morador no Pará, de que não comparecendo ou não mandando satisfazer o seu débito de 499$00, juros e mais despezas, nos termos da escritura de 23 de Setembro de 1913, dentro do praso de trinta dias a contar da publicação deste anuncio, será requerida, no Tribunal désta comarca, a competente execução hipotecária.

Aveiro, 11 de novembro de 1914.

Manuel Simões de Oliveira

GRATIFICA-SE quem indicar o paradeiro ou entregar um macaco pequeno que desapareceu no domingo, 17 do corrente.

Dirigir a Ricardo Mendes da Costa, rua da Corredoura.

ANUNCIO

Direcção das Obras Publicas do Distrito de Aveiro

2.ª SECÇÃO DE CONSTRUCÇÃO

Estrada distrital n.º 77 de Santo Amaro ás proximidades do Rio Caima

Lanço da Minhoteira ao Pinheiro da Bemposta

Faz-se publico que, no dia 7 de dezembro do corrente ano, pelas 12 horas, na secretaría da Administração do concelho de Oliveira de Azemeis, perante a comissão presidida pelo respectivo Administrador, se recebem propostas, em carta fechada, para a execução duma empreitada de terraplanagens, muro de suporte, guarda dos muros, abertura e regularisação de valétas, abertura de caixa e regularisação de bermas, servidões capeadas e calçadas, e empedramento, ensaibramento e cilindramento, na extensão de 2.294,ml 84, entre perfis 183 e 330.

Base de licitação 3:600$00
Deposito provisorio 90$00

Os desenhos, medições e condições especiaes da arrematação estão patentes na secretaría da Direcção, em Aveiro, e na da 2.ª secção de construcção em Espinho, todos os dias uteis desde as 10 horas até ás 16 e no dia da arrematação na secretaría da Administração do concelho de Oliveira de Azemeis.

As guias para efectuar os depositos provisorios são passadas na secretaría da Direcção, em Aveiro ou na da 2.ª secção de construcção, em Espinho até ás 15 horas do dia util anterior ao da arrematação.

A importancia do deposito definitivo é de 5 °|o do preço da adjudicação.

Espinho e secretaría da 2.ª secção de construcção da Direcção das Obras Publicas de Aveiro 23 de outubro de 1914.

O Conductor chefe de secção,

Evaristo de Moraes Ferreira

Direitos de Encarte

Trata-se dos encartes dos funcionarios publicos. Quem necessitar dirija-se a Joaquim Ventura — Povoa de Santa Iria.

Predio e talho

Vende-se o predio situado á esquina das ruas Domingos Carrancho e Tenente Rezende, desta cidade, em que está instalado o antigo e bem afreguezado talho de Francisco Ferreira (Fandango).

Trata-se com a viuva de Francisco Ferreira e com seu cunhado Anselmo Ferreira.

Loteria

DA

Santa Casa da Misericordia de Lisboa

23 de Dezembro de 1914

1.º premio 240:000$
2.º premio 30:000$

Bilhetes a 100$00
Quadragesimos a 2$50

Os bilhetes e fracções estão á venda na Tesouraria da Misericordia de Lisboa, a qual se encarrega de remeter todos os pedidos para a provincia ou ultramar, quando acompanhados da respectiva importancia e mais 7 centavos e meio para o porte e registo do correio.

Nome e residencia em caratéres bem legiveis.

As importancias a remeter ao *Tesoureiro da Misericordia* pódem ser em notas, vales, chéques, ordens postaes ou valores de facil cobrança, de maneira segura, a evitar extravios.

Aos compradores de 5 ou mais bilhetes inteiros, abona-se a comissão de 3 1|0.

Enviam-se listas a todos os compradores.

NUTRICIA DE LISBOA

Produtos désta casa á venda em Aveiro: extrato de malte em pó, chocolate com aveia, marca *cavalo branco*, café de cevada, farinhas de Nestle, Alpina, Bledine, aveía, cevada e arroz. Massas alimenticias para regimen, etc., etc., tudo pelos preços de Lisboa.

Alberto João Rosa

33-A—Rua Direita.—AVEIRO.

1913-1914—O movimento impedido em 21 de Outubro de 1913 fracassou em 20 de Outubro de 1914?—Em que se volta a falar de Homero—O que se podia ter feito e não se fez!

Escrevendo sobre a tentativa da restauração monarquica, o sr. dr. João de Menezes, um dos mais cotados marechais do partido unionista, declarou em publico que o movimento de outubro do ano passado foi apenas impedido mas não desorganisado.

Interessa-nos muito particularmente o tardio depoimento do velho republicano sobre a conspiração de 21 de Outubro de 1913, essa célebre tentativa que os partidos da Republica aproveitaram para jogar os seus melhores impropérios contra o govêrno do Partido Republicano Português e na qual se salientou o ex-agente da policia Homero de Lencastre, e esse interesse justificado está desde que se compreenda que a hora de Justiça e de Verdade soou para todos os velhos e leais republicanos que se salientaram na descoberta dessa terrivel e perigosa conspirata e que por prémio receberam enxovalhos não só dos seus irmãos de ideias, que esses perdoados estão, mas de todos quantos inimigos da Republica quizeram manchar a véla nessa maré de injustos doestos.

O nosso caso não é, porém, tomarmos a legitima desforra do que só agora e tardiamente se confessa para pedir restritas contas aos responsaveis dessa campanha. O nosso proposito é demonstrar que, efectivamente, a tentativa de Outubro deste ano é exactamente a mesma de Outubro do ano passado, incluindo os seus mais minuciosos detalhes e que ele se integra, duma maneira absoluta, no movimento restauracionista do ano passado.

E desde que um dos chefes dum partido oposto o confes-